

Lula reage ao 'efeito Ciro' e já fala em candidatura à Presidência para 2002

Robson Fernandes/AE-28/8/98

Segundo ele, hipótese será analisada durante congresso da legenda em novembro

REALI JUNIOR

Correspondente

PARIS – O congresso do PT, no mês de novembro, deverá examinar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República nas eleições de 2002. O processo da sucessão presidencial ganhará, portanto, mais um candidato, além de Ciro Gomes, que concorre pelo PPS. A revelação foi feita pelo próprio Lula, ontem na França, onde deverá participar de um debate com o ministro da Cooperação francês, Charles Josselin, durante o Festival Cinematográfico e Cultural Latino-Americano que se realiza em Biarritz. Em Paris, Lula foi recebido no Quai D'Orsay, o Ministério do Exterior, pelo ministro Hubert Védrine e hoje se reúne com o primeiro secretário do PS, François Hollande.

Lula afirmou que o PT enfrentará dois desafios no momento de definir a candidatura. Do ponto de vista político terá de fazer alianças com setores de centro-esquerda do partido, que não concordam com o governo. O segundo desafio é a necessidade de trabalhar com os excluídos da sociedade, levando em conta a dimensão da economia informal no Brasil. Segundo Lula, o PT precisa construir um projeto que atenda aos interesses diferenciados da sociedade: "Não penso em ser candidato só para provar que tenho 30% do eleitorado", comentou. "Ganhar dependerá da resposta a esses dois desafios." Lula disse que o Brasil vive um "momento inédito": "O presidente só cumpriu nove meses de mandato, mas só se fala no País na sucessão de 2002."



"FHC só cumpriu 9 meses de mandato, mas só se fala na sucessão"

Indagado sobre o que via de similar entre o governo Fernando Henrique, no Brasil, e o de Lionel Jospin, na França – ambos têm formação de esquerda –, Lula aprofundou suas críticas ao presidente brasileiro: "Jospin está provando que é possível fazer política sem estar subordinado ao neoliberalismo, mas esse não é o caso de Fernando Henrique", elogiou. "Se existe algo similar na formação dos dois políticos, não existe nada similar em matéria de execução das políticas."

Lula sustentou ainda que o PT é defensor ardoroso do Mercosul e argumentou que a crise atual é menos do Mercosul e mais de Brasil e Argentina. "Ambos acreditaram que o real e o peso valiam um dólar e hoje são obrigados a viver o malogro do

modelo que adotaram."

Sobre o temor dos investidores estrangeiros de uma nova onda de nacionalizações ou de moratória da dívida externa – caso o PT vença a eleição presidencial –, Lula garantiu que isso não está nas intenções do partido. A idéia seria manter privatizações já feitas, mesmo não tendo concordado com as do setor energético e as do setor de telecomunicações. Mexer no processo só se justificaria se alguma auditoria revelasse a existência de

operações fraudulentas. Quando à dívida, o que se poderá fazer, segundo Lula, é uma "articulação com os países na mesma situação, buscando uma negociação com os credores para que sejam estabelecidas condições de prazo e pagamentos bem mais razoáveis do que as atuais".

EM PARIS,
PETISTA
DEFENDE
MERCOSUL